

**CANAL; MARINA FIUZA<sup>1</sup>, WOLF; Aline Epiphanio<sup>2</sup>, SILVERIO; Kelly Cristina Alves<sup>3</sup>, SANTOS; Aline Oliveira<sup>4</sup>, BRASOLOTTO; Alcione Ghedini Brasolotto<sup>5</sup>**

## **RESUMO**

**Introdução:** A maioria das pessoas transgênero recorre aos serviços de saúde em busca de uma congruência entre corpo e identidade. A identificação do gênero pela voz pode ser uma dificuldade enfrentada por estes indivíduos durante o processo de hormonização ou transição. Uma das características vocais típicas da voz feminina é a soprosidade e existem poucas informações na literatura sobre esta característica em vozes de homens e mulheres transgênero. Portanto, há a hipótese de que a soprosidade pode ser diferente em pessoas cis e transgênero e pode ser relacionada à percepção de gênero. A soprosidade é identificada de forma perceptivo-auditiva, porém recentemente foi desenvolvido um índice promissor para identificação deste parâmetro, o Índice Acústico de Soprosidade (ABI). **Objetivo:** Comparar os valores dos indicadores acústicos e perceptivos da presença de soprosidade em homens e mulheres cis e transgênero, bem como entre as vozes destas pessoas julgadas como femininas ou masculinas. **Métodos:** Este estudo retrospectivo e transversal, aprovado pelo CEP (4.937.140), analisou gravações de vogal /a/ sustentada de 115 pessoas, 21 homens cis (HCIS), 31 homens trans (HT), 31 mulheres cis (MCIS) e 32 mulheres trans (MT), maiores de 18 anos de idade. Uma juíza especialista em voz realizou a avaliação perceptivo-auditiva das amostras aleatoriamente, a qual consistiu na classificação de gênero (feminina ou masculina) e determinação do grau de soprosidade, por meio da escala analógica visual de 100mm, sendo a extrema à esquerda correspondente à ausência e na extrema à direita, sua presença em grau máximo. Extraiu-se o ABI, por meio do software PRAAT (6.1.16). Os resultados foram comparados entre os quatro grupos e entre as pessoas cujas vozes foram identificadas como feminina ou masculina. Foram utilizados os testes ANOVA, Tukey e t de Student ( $p<0,05$ ). **Resultados:** As médias de soprosidade para os distintos grupos foi HCIS=10,0; MCIS=11,4; HT=14,7; MT=11,5, sem diferença significativa ( $p=0,114$ ). O ABI médio dos HCIS (0,97) foi menor do que para as MCIS (1,95;  $p=0,044$ ) e do que para os HT (1,78;  $p=0,009$ ). HCIS e MCIS foram identificados pelo gênero que se identificam em 100% das amostras apresentadas. O mesmo não ocorreu para homens e mulheres transgênero: 45,2% HT tiveram a voz percebida como feminina e 59,4% MT como masculinas. Ao considerar apenas os HT+MT, o ABI foi mais elevado para as pessoas que foram percebidas como mulheres (2,43) do que como homens (1,34) com  $p=0,024$ . O valor da soprosidade não apresentou diferença significativa entre as pessoas percebidas como homens ou mulheres ( $p=0,711$ ). **Conclusão:** A hipótese do estudo foi confirmada, uma vez que a soprosidade ocorre de maneira distinta entre homens e mulheres cis e transgênero e entre pessoas julgadas como homens e mulheres. Ressalta-se que a soprosidade pode ser melhor compreendida usando índices acústicos multiparamétricos. Os resultados indicam que, mesmo quando homens trans são submetidos ao uso da testosterona e passam por modificações vocais, ainda permanecem com a passagem de ar transglótica característica feminina à fonação. Tais conhecimentos contribuem para abordagens de aprimoramento vocal desta população e, consequentemente, maior satisfação e efetividade da comunicação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Qualidade Vocal, Acústica da voz, Pessoas Transgênero

<sup>1</sup> Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo – FOB-USP, marinafiuz@usp.br

<sup>2</sup> Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP) da USP, alinewol@fmrp.usp.br

<sup>3</sup> Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo – FOB-USP, kellysilverio@usp.br

<sup>4</sup> Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo – FOB-USP, aline.oliveira@usp.br

<sup>5</sup> Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo – FOB-USP, alcione@usp.br

<sup>1</sup> Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo – FOB-USP, marinafiuza7@usp.br

<sup>2</sup> Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP) da USP, alinewol@fmrp.usp.br

<sup>3</sup> Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo – FOB-USP, kellysilverio@usp.br

<sup>4</sup> Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo – FOB-USP, aline.oliveira@usp.br

<sup>5</sup> Faculdade de Odontologia de Bauru da Universidade de São Paulo – FOB-USP, alcione@usp.br